

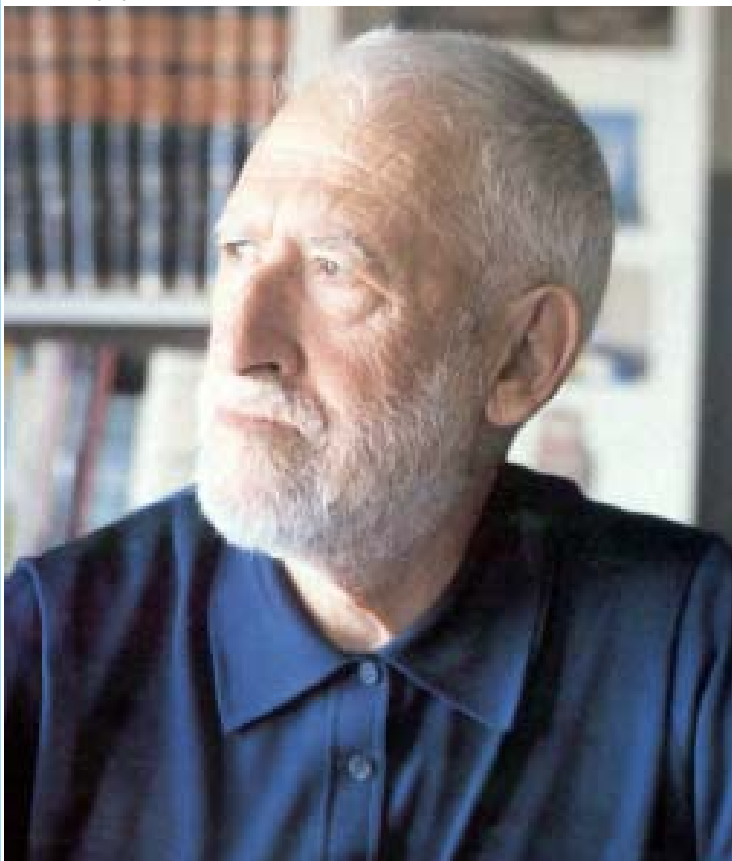
media

Escola Secundária Manuel da Fonseca
BOLETIM DA MEDIATECA - nº 4 - Junho 2008

Agostinho da Silva

Um pensamento vivo

George Agostinho Baptista da Silva (1906-1994), entre nós conhecido como Agostinho da Silva, é um dos portugueses mais notáveis do século XX. Com um rigor e lucidez analítica únicos, Agostinho da Silva foi um dos mais brilhantes professores e pedagogos que Portugal já conheceu.



EDIÇÃO ESPECIAL
dedicada a
Agostinho da Silva

2 Editorial

2 **A Escola do Futuro**
Daniel Marques

3 **Conversas Vazias**
com Maria Elisa

8 **Para saber mais**
Bibliografia

Escola Secundária
Manuel da Fonseca
Estrada de Santa Cruz
7540-121 Santiago do Cacém
tel. 269750080 fax. 269750088
www.esec-manuel-fonseca.rcts.pt
mediateca@esec-manuel-fonseca.rcts.pt

Editorial

Este número do boletim da Mediateca é inteiramente dedicado ao Professor Agostinho da Silva - um grande pensador, cujas ideias merecem ser divulgadas à nova geração de alunos. Muitas das reflexões deste notável português se centraram na escola, no ensino, na pedagogia. E porque a escola é, sobretudo, continuidade e porque, ao jeito de Agostinho da Silva, o *Tempo* é um eterno presente, este número especial é da responsabilidade de um antigo (mas eterno) aluno da nossa escola - o Daniel Marques - que, entretanto já concluiu o seu curso universitário.

Esperamos dar continuidade à divulgação de outras figuras maiores da cultura portuguesa, em próximas edições.

Para além de uma introdução à vida e ao pensamento do autor, esta edição é maioritariamente constituída pela transcrição de excertos de uma “conversa vadia” de Agostinho da Silva com Maria Elisa, na RTP, há já muitos anos.

Para muitos dos leitores será o primeiro contacto com uma mente activa, sem idade, com um espírito provocador, crítico, original e contagiante.

Não existem aqui ideias feitas, nem politicamente correctas. Existem ideias à solta, cujo impacto necessariamente se fará sentir no futuro - esse eterno presente.

Agradecemos a autorização dada pela *Associação Agostinho da Silva* para a divulgação da entrevista e das imagens.

C.M.



FICHA TÉCNICA

Edição: Mediateca da Escola Secundária Manuel da Fonseca
Coordenação editorial: Cipriano Mendes, Ana Cristina Ascenso
Redactores neste número: Cipriano Mendes, Daniel Marques
Grafismo e paginação: Cipriano Mendes
Impressão: Reprografia da Escola Sec. Manuel da Fonseca.

A Escola do Futuro

O pensamento de Agostinho da Silva é cada vez mais actual, e a sua visão original e polémica é capaz de provocar espanto e admiração até nos mais jovens – em grande parte por causa das suas apuradas críticas em relação à escola que hoje temos e sobretudo em relação àquilo que deverá ser a escola do futuro para contemplar realmente o desenvolvimento do potencial de cada aluno em toda a sua plenitude. O maior dom de Agostinho da Silva talvez fosse mesmo a facilidade e a clareza com que conversava e se tornava compreensível às pessoas, dom esse que terá sido aperfeiçoado ao longo dos anos em que foi professor de várias disciplinas de história e cultura. Durante e após a conclusão da licenciatura na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Agostinho da Silva defendeu a cultura portuguesa e procurou aproximá-la de todas as pessoas: participou em revistas literárias como a *Seara Nova*, deu aulas em instituições públicas e privadas, deu palestras por todo o país, escreveu livros sobre os temas mais diversos (para além de estudos sobre história e cultura grega escreveu poesias, ensaios filosóficos, reflexões sobre religião, textos pedagógicos, traduções de autores clássicos, biografias de personalidades célebres que vão desde Pasteur a Da Vinci, etc.) e fundou Universidades e Centros de Estudos no Brasil, país onde viveu grande parte da sua vida. Para além do Brasil e Portugal, passou por outros países no decurso dos seus estudos e projectos culturais, como Espanha, França, Uruguai, Argentina, Japão ou Macau. Não se limitando à sua área de formação, falava quinze línguas e interessava-se pelos assuntos mais diversos: geometrias não-euclidianas e matemática fractal, física quântica, a evolução geológica do nosso planeta, entomologia, antropologia; em suma, a sua curiosidade incansável empurrava a sua inteligência em todas as direcções – era um verdadeiro espírito universal.

No final da sua vida gravou uma série de entrevistas para a RTP, as “Conversas Vadias”, que o tornaram muito popular. Uma dessas entrevistas foi feita pela jornalista Maria Elisa, e aqui transcrevemos um excerto dessa magnífica conversa – a melhor forma de dar a conhecer o pensamento vivo de Agostinho da Silva em acção. ■

Daniel Marques

Conversas Vadias com Maria Elisa



“Hoje, a maior parte dos desgraçados dos alunos têm de aguentar professores a quem não pediram coisa nenhuma.”

Maria Elisa - (...) Ontem, quando eu estava a trabalhar nesta entrevista, o meu filho que tem quinze anos e a quem eu tento desesperadamente convencer que se não for um bom aluno não entra para a Universidade, e portanto tem muito menos hipóteses de vir a arranjar um trabalho interessante, olhou para os meus papéis e leu a seguinte frase sua: «Hoje, a maior parte dos desgraçados dos alunos têm de aguentar professores a quem não pediram coisa nenhuma.»



“Estás a ver?”, disse-me ele, triunfante, “esse tipo é que tem razão!”. E eu fiquei perplexa, porque eu também acho que “esse tipo”, que é o senhor Professor, tem razão. **Mas como é que nós havemos de ajudar os nossos filhos a viver num mundo altamente competitivo se eles começarem por contestar completamente a escola e tiverem más notas?**

Agostinho da Silva - O problema está no mundo competitivo e não nos meninos. Nós o que temos é que pensar se o mundo competitivo tem que continuar assim,

ou se tem jeito de ser de outro modo. É evidente de que além de competição, e acima de competição, nós estamos por exemplo, quanto à economia, numa guerra perfeita: a guerra contra a carência. Se houvesse como havia no princípio fruta, e raízes, e comida à vontade para toda a gente, não haveria nenhum problema no mundo. Simplesmente o que aconteceu foi que pelo desenvolvimento dessa primeira gente apareceram mais consumidores do que havia mercadoria para consumir, e imediatamente entrámos na competição – que era a única maneira que havia de conseguir para toda a gente aquilo de que essa gente precisava. De maneira que, de facto, as pessoas por exemplo julgam que estão em paz no mundo, que são civis, quando não são nem uma coisa nem outra. Nós estamos todos envolvidos numa guerra: a guerra contra a carência; e então isso só poderá acabar quando, como nas outras guerras, nós abatermos completamente o inimigo; e parece que não há outra forma de economia, por enquanto, (...) que consiga levar a esse fim senão essa economia competitiva em que estamos.

M.E. - Bom, mas é nesse mundo que estamos. Portanto, qual é que tem que ser a atitude dos meninos?

A.S. - A atitude tem que ser, ao mesmo tempo, a de sonhar, a de desejar que essa competição acabe; e estamos cada vez mais perto do fim dela. E os meninos, melhor que nós, porque já vêm a crescer para um terceiro



milénio, (...) já sabem que estamos perto desse fim e que muitas das coisas que ensinamos nas nossas escolas são desnecessárias para eles; o que acontece é que grande parte dessa geração já nasce reformada, e nós ainda não tomámos a consci-

ência plena disso...

M.E. - O que é que o senhor Professor quer dizer com isso, “já nasce reformada”?...

A.S. - Quero dizer que vai haver tanta máquina, fazendo tanta coisa, que (...) não vai haver emprego para eles (...)

M.E. - E acha que isso é um bem ou é um mal?

A.S. - Evidente que é um bem! O que acontece no mundo é que toda a gente que nasce, nasce de alguma maneira poeta, inventor de qualquer coisa que não havia

no mundo ainda antes de eles nascerem, e inteiramente individual: cada um o poeta que é! E o que acontece é que nós, por causa da questão económica que temos pela frente, os metemos não a fazer poesia à solta – que era o que eles desejariam –, mas a seguir alguma coisa que é na realidade uma espécie de vida militar...

M.E. - Ó senhor Professor, alguns não querem nada fazer poesia, querem fazer coisas muito menos poéticas, se me permite a redundância: querem fazer *surf*, querem andar de *skate*, querem ir para as *boîtes*¹... também acha isso interessante?

A.S. - Claro!, eu costumo dizer que **uma das formas de poesia é a vadiagem**... e por isso exactamente é que um amigo resolveu que estas conversas se chamassem “conversas vadias”. Não só porque eram errantes, no sentido de que podiam andar por aqui ou por acolá, mas sobretudo porque eram uma forma de ver a imaginação sobretudo da pessoa que pergunta! Nessa coisa de perguntas e respostas a imaginação está fundamentalmente do lado da pessoa que pergunta; a resposta vem automaticamente logo que a pergunta aparece. A pessoa precisa de ver muito bem aquilo que sabe ou não sabe, e depois perguntar o que vai saciar a sua imaginação e a sua vontade de saber.

M.E. - Mas desculpe-me voltar à questão da escola (...). O mundo é, de qualquer maneira, altamente competitivo (...), o senhor Professor diz que ele está para mudar, mas o “está para mudar” se calhar significa o quê, umas centenas de anos, não? (...)

A.S. - Talvez não: o mundo agora caminha tão rapidamente – parece que o mundo está fazendo história da mesma maneira que à lei do afastamento das galáxias: quanto mais longe, mais depressa. Provavelmente



tudo teve uma origem, como possivelmente tudo terá um acabamento, um fim, uma volta à origem; e quanto mais longe se está da origem, mais depressa a história avança; de maneira que podemos ter rapidamente surpresas... e então temos que nos preparar para essas surpresas; e talvez o comportamento das crianças seja um aviso de que esse momento está perto, mais, e que **nós vamos poder ter o ócio, o lazer criador, o tal ser poeta à solta**, e ainda vamos ser impedidos de gozar esse lazer porque tivemos de aprender uma porção de coisas, ortografias, aritméticas, cerimónias, etc., que se vão ser dispensáveis...

M.E. - Mas (...), por outro lado, a sua vida é o contrário disso, porque o senhor Professor estudou, estudou, estudou. Tem várias licenciaturas, da Filologia Clássica à Biologia; continua a aprender – penso que está a estudar islandês, ou pelo menos estava há pouco tempo, não é? –; interessa-se por moluscos, pelas coisas mais diversas; doutorou-se, e isso permitiu-lhe, por exemplo, estar (...) na origem da formação de várias Universidades. Nega o valor da escola como aprendizagem?

A.S. - Não; simplesmente me apeteceu aprender, porque eu já fui o aluno mais cácula que jamais existiu no mundo...

M.E. - É verdade que quando andava na escola primária o seu pai ou a sua mãe tinha que lhe agarrar a perna à mesa?

A.S. - Não... isso foi ainda em Barca d'Alva², quando eu tinha quatro anos, ou coisa parecida, e minha mãe achou que eu devia aprender a ler – para quê?, pergunto eu hoje; mas de qualquer maneira ela achou isso, e como a mim me apeteceu muito mais ir para a rua e brincar, viver a vida, do que ler letras e saber escrever letras, ela tinha que amarrar a

perna...

M.E. - ...à perna da mesa.

A.S. - Depois, fiz a instrução primária muito bem porque me interessou fazer a instrução primária...

M.E. - Então está a ver, (...) aprendeu coisas muito úteis, gostou de muitas coisas que leu, não gostou?

A.S. - Sim, úteis muito depois, o que na altura não me interessou absolutamente nada; ler?, ler o quê? Tinha que perceber o que lia...

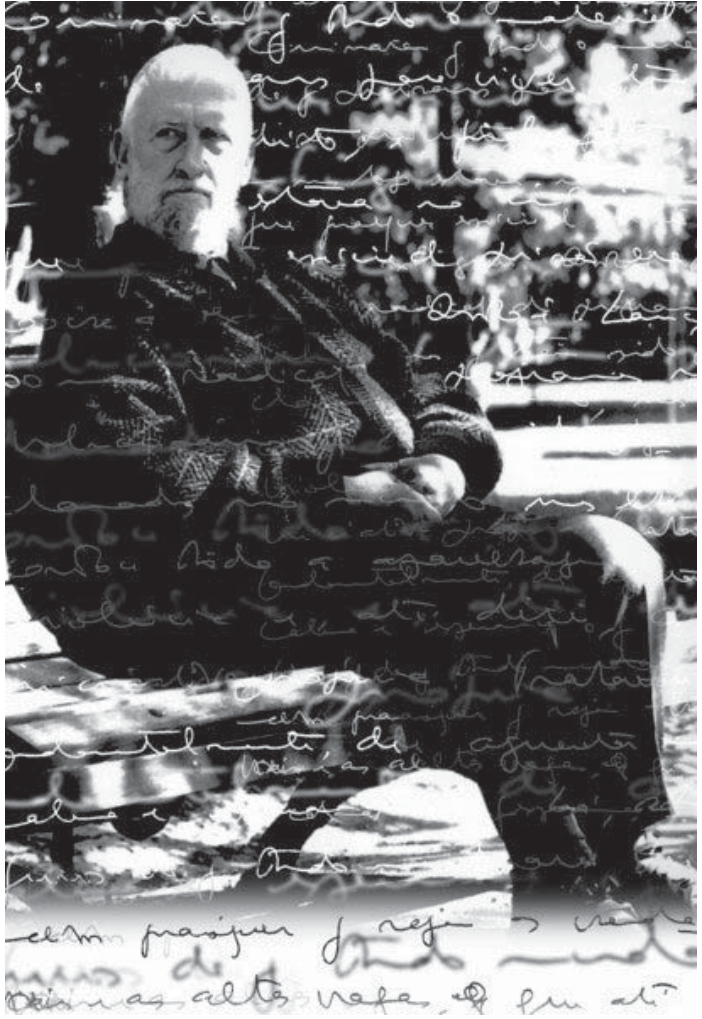
M.E. - (...) Mas para, mais tarde, (...) fazer coisas de que gostou teve que aprender a ler – como é que tinha conhecido o Pessoa, uma das suas grandes paixões, se não tivesse aprendido a ler?

A.S. - (...) Parece que a boa idade em aprender a ler é lá para os treze ou catorze anos... e eu me lembro sempre duma experiência feita por um grande pedagogo (...) que não ensinou os meninos da escola dele a ler e a escrever. Não ensinou!; ensinou todas as coisas que eles realmente queriam aprender, e teve um êxito sempre. Às vezes eram os alunos que impunham ao professor uma tarefa... Por exemplo, um dia quiseram aprender carpintaria e ele disse assim: “Mas eu não sei carpintaria.”, “Ah não sabe, então vá aprender!”. E ele ia para uma escola, em que aprendeu carpintaria, e os alunos lhe tomavam a lição: “O que é que você aprendeu hoje?” E achavam que ele era cábula ou não conforme tinha aprendido muito ou pouco; e nunca essa questão de ler e de escrever apareceu. Até que um belo dia, um dos meninos recebeu uma carta dum tio que estava emigrado na América. Veio ter com o professor: “Disseram-me que esta é uma carta de meu tio, o que é que ele diz?”, e o professor disse:

“Ele não é o meu tio (...), ele não me escreveu a mim, aprenda você, leia você!”, “Então eu quero aprender a ler!”, e ele disse: “Às ordens! Eu vou ensinar você a ler!”. E a classe inteira, que nunca tinha recebido carta de ninguém, de tio nenhum...

M.E. - Claro... era isso que eu ia a perguntar: se não recebessem carta, como era?

A.S. - ...os outros disseram: “Nós também



queremos aprender a ler!”. E a classe aprendeu a ler num instante.

M.E. - (...) E se não surgir assim uma motivação?...

A.S. - Aparece sempre alguma motivação, se ela tem que aparecer. O que não adianta nada é obrigar a ler,

a ensinar a ler, e que aprendam a ler pessoas que depois não têm nada que ler. A mim, eu tive uma aventura no Brasil, na Serra de Candelária, em que me apareceram duas mulheres do povo, camponesas, disseram-me: “Apareceu aí um missionário americano que tem uma igreja especial lá dele, e (...) a nossa família está lá; só que ele só admite na igreja quem saiba ler, e nós não sabemos ler. Nós sentimos mal por não estarmos juntamente com a nossa família na tal igreja, e quero que o senhor nos ensine a ler”. E eu ensinei a ler. A primeira coisa que eu fiz foi dar-lhes a ideia do que é a escrita. Depois da história dos fenícios, que, segundo me parece, inventaram essa coisa, elas entenderam, aprenderam a ler num instante – e suponho eu que entraram na igreja. Tempos depois eu passei por lá, e as coitadas estavam lendo o jornal da terra... Pois, evidente... o missionário não estava a pensar... Elas não precisavam apenas de ler, precisavam de entender o que liam, e não tinham cultura suficiente para isso; então fugiam de ler os textos sagrados – que ele naturalmente queria que lessem – e estavam lendo o jornal da terra. Valia a pena? Evidentemente que não!

M.E. - (...) O que é que o senhor Professor propunha para os jovens poderem entrar na Universidade?

A.S. - **Eu propunha que toda a gente que quisesse entrar numa Universidade, e que tivesse feito um Curso Secundário, entrasse na Universidade.**

M.E. - Portanto, é completamente contra os *numerus clausus*³, por exemplo...

A.S. - **Evidente! Os *numerus clausus* é uma coisa que mete leis de mercado⁴ e não sei quê, e eu acho que meter leis de mercado juntamente com cultura é inteiramente absurdo. (...) Bom, o que é preciso é haver os lugares suficientes para que as pessoas**

que querem ter uma cultura universitária tenham uma cultura universitária.

M.E. - Pois, mas a questão é que não há, também, não é...

A.S. - **Haja! (...) Se houvesse uma guerra com Portugal, arranjavam-se academias militares rápidas, para formar oficiais milicianos, que demoravam três ou quatro meses em lugar de demorar quatro ou cinco anos, as Academias Militares autênticas, e [os que dela saírem] morrerem tão bem como quaisquer outros...**

M.E. - Acha que é uma questão de vontade (...) haver Universidades suficientes (...), haver sítios suficientes para os jovens aprenderem (...), os adultos, quem quiser ter acesso ao ensino?...

A.S. - **Claro! Quem souber mais do que o aluno está logo em cultura universitária em comparação com o aluno (...). De maneira que (...) o que é preciso é fazer universidades que formem oficiais milicianos das Universidades, não é? E depois eles vão avançando, os que querem ficar na carreira – como se faz com o oficial miliciano –, (...) vão-se graduando até serem autênticos professores universitários. Mas para as primeiras noções servem, perfeitamente... O que é preciso é arranjar os lugares onde se ensine, a pessoa que ensine – e há muita gente que, sem ser um alto professor de Universidade, pode dar as primeiras noções de todas aquelas matérias. (...) E depois, se a pessoa lá dentro da Universidade não satisfaz, é fácil: não frequenta mais a Universidade. Mas ninguém se desilude!, e não é essa coisa terrível de haver milhares de jovens que chegam ao 12º ano, possivelmente com grande capacidade de entrarem na Universidade, e ficam quê, fazendo o quê?**



Voando no vazio?

M.E. - ...E às vezes com médias muito boas, muito altas até, ficam a décimos de não conseguirem entrar...

A.S. - (...) **A única vantagem deles é darem depois emprego aos psicólogos... que têm que os curar das doenças psicológicas...**

M.E. - ...Aos psicólogos, aos psiquiatras (...). Cria-se muito emprego, afinal de contas...

A.S. - **Cria-se muito emprego, não é? – com o desemprego de muita gente...**

(...)

M.E. - Se o senhor Professor cá mandasse na cultura o que é que fazia? (...)

A.S. - Bom, eu começava por dar

tudo aquilo que é um alicerce e um degrau para a cultura. A cultura começa por todas as pessoas poderem comer o que devem comer, e começa por terem uma casa como devem ter uma casa, e por ter o vestuário que querem; e depois é que começam a ter interesses culturais. Ponho aqui agora cultura como o Saber. **Primeiro, eu acho que, para toda a gente, o que é necessário num país é haver os três S: S número um: Sustento; S número dois: Saber; S número**



disto ou daquilo); em lugar de escolhermos Artilharia ou Cavalaria, escreve-se Filosofia ou Matemática, por exemplo. Então, como é isso, é preciso que a escola, por enquanto, seja uma escola mista, uma escola que seja uma Academia Militar – digamos assim – para que cada pessoa aprenda uma profissão, aprenda a sua

arma; e por outro lado, um ensino que faça o possível por já contemplar aqueles que serão reformados, aqueles que vão ser os poetas à solta, dar-lhes meios de expressão – e olhe que as escolas portuguesas estão fazendo isso (...)

M.E. - Quais escolas?

A.S. - (...) As escolas em que há uma parte curricular, que toda a gente tem que

frequentar com maior ou menor aproveitamento; **e depois há os clubes, livres, há os grupos, que se formam, para que a pessoa aprenda aquilo que realmente quer aprender.** Um homem pode aprender ortografia, ou aritmética, ou lá o que seja, e, ao mesmo tempo, já prevenindo-se para o caso de nunca mais ter emprego, saber pintar, saber fotografar, saber dançar; **saber, se for preciso, ser vadio, porque só vale a pena ser vadio quando se contempla o mundo, e se percebe**



três: Saúde. Então vamos começar pelo Sustento. Primeiro degrau das coisas. E em seguida as pessoas dizem qual é o seu interesse em saber, o que é que querem aprender (...). E eu digo isto para grandes e para pequenos! – notando-se que, como nós estamos ainda na tal guerra, e precisamos de ter soldados produtores (cada um de nós é apenas um soldado produtor

o mundo.

M.E. - Acha que essas profissões – fotografar, pintar, dançar –, vão ter futuro?

A.S. - Não se trata de profissão: trata-se de arte, trata-se de criação. **O homem não nasce para trabalhar, o homem nasce para criar, para ser o tal poeta à solta.**

M.E. - Mas, senhor Professor, o primeiro S, o Sustento, como é que as pessoas vão viver, como é que comem, como é que sobrevivem?...

A.S. - Há gente que gosta disso. Eu conheço muita gente que o que gosta é de cultivar a terra (...), para eles é a obra de criação deles. Eu conheci um homem que tinha sido Governador de Macau, já estava aposentado de não sei de quê, da outra posição que ele tinha, e que passava o dia inteiro montando e desmontando motores na quinta onde morava... andava sempre muito sujo de óleo (...), a mulher lamentava-se que ele só tomava banho à hora do jantar, ou qualquer coisa assim; mas, de facto, esse homem se cumpria, montando e desmontando motores, não é? Para ele não era impressão nenhuma...

M.E. - Mas lá está, montar e desmontar motores, depois de uma vida de trabalho, em que provavelmente ficou com a sua reforma, que lhe possibilitava o tal sustento, não é?...

A.S. - Claro!, (...) e por isso o objectivo de nossa vida no mundo é haver essa reforma para toda a gente, mas evitando o que acontece a grande parte dos reformados, que, porque só aprenderam a trabalhar enquanto os tentaram educá-los (...), depois ficam muito tristes porque não têm trabalho e morrem rapidamente...

M.E. - Não sabem fazer mais nada, pois é...

A.S. - Não sabem fazer mais nada senão trabalhar... ■

Para saber mais:

- Flório, José, *Reencontrar Agostinho da Silva: o poeta e o poema*, Corroios, Zéfiro, 2006, 200 p.
- Mendanha, Victor, *Conversas com Agostinho da Silva*, Lisboa, Pergaminho, 2005, 128 p.

Entrevista disponível em vídeo:

parte 1 - <http://www.youtube.com/watch?v=lee6ndsGu6w>

parte 2 - <http://www.youtube.com/watch?v=RiYk2Pktlk>

“O homem não nasce para trabalhar. O homem nasce para criar, para ser o tal poeta à solta.”



NOTAS

¹ Discotecas

² Terra do Norte de Portugal onde Agostinho da Silva passou a sua infância antes de ir estudar para o Porto

³ Traduzido do latim significa “números fechados”. Actualmente, nem toda a gente que queira e tenha concluído o 12º ano pode entrar numa universidade. Os *numerus clausus* são o número limitado de vagas que a universidade disponibiliza para um dado curso e que é determinado consoante a capacidade dessa universidade em receber alunos.

⁴ Em Economia, a lei da oferta e da procura determina em muito o que as pessoas compram com o dinheiro que têm. Da mesma maneira, a quantidade de pessoas que frequenta o Ensino Superior português depende da capacidade da universidade para ter alunos, isto é, dos *numerus clausus* que a universidade estabelece (oferta), e da quantidade de pessoas que se candidata a um curso (procura). Nos casos em que a procura é maior que a oferta, o critério para seleccionar os alunos que entram na universidade é a média de classificações às disciplinas que eles fizeram – e portanto só os alunos com as médias mais altas é que entram. Noutra das suas conversas, Agostinho da Silva diz, e bem, que essas leis de mercado são, na verdade, leis de mercadores, já que o que efectivamente determina quem entra na universidade e quem fica de fora são os *numerus clausus* que são estabelecidos pelos mercadores das universidades...